

GABRIEL TARDE E A CIRCULAÇÃO DAS MODAS EDUCACIONAIS NO BRASIL: METAMORFOSES DA CRENÇA AUTOBIOGRÁFICA

Luiz Artur dos Santos Cestari – UESB

Agência(s) Financiadora(s): FAPESB/UESB

Introdução

Temos apresentado ao campo educacional uma preocupação relacionada ao modo como as ideias circulam e em específico a de tentar entender a acusação frequente neste campo de que uma ideia esteja em moda. Compreender os modismos envolve, em nosso entendimento, apresentar as razões pelas quais uma ideia se torna mais importante que outra numa determinada época e por que ela se difunde, passando a ocupar o centro das preocupações de educadores e pesquisadores num certo momento.

O que nos permite perceber o fenômeno da moda é de imediato a repetição, ou seja, o anúncio dos mesmos pressupostos de forma repetitiva em vários *locus* de disseminação seja em revistas de divulgação científica, nos programas dos cursos de formação de educadores, nas propostas de políticas públicas para a educação ou ainda nas dissertações e teses publicadas em cursos de pós-graduação. Assim, é pela repetição da ideia que nos convencemos da ocorrência dos modismos.

Por outro lado, nem sempre a repetição se dá pelas mesmas razões de apropriação de uma ideia, pois associada à repetição está a diferenciação do modo como esta ideia será assimilada num contexto epistemológico. Como exemplo disso, temos o estudo que realizamos recentemente sobre a circulação das abordagens autobiográficas na formação de professores no Brasil. Naquele momento, tínhamos apontado que a repetição da ‘crença autobiográfica’¹ se efetivava em diversos domínios de estudos sobre formação

¹ Esta é uma interpretação da forma de apropriação das autobiografias como experiência de formação vinculada ao Movimento Pesquisa/Formação apresentada por autores como Josso (2004), Pineau (2006), Dominicé (2006) e outros. Denominamos de ‘crença autobiográfica’ o núcleo comum de questionamentos sobre si e o relato de experiências positivas e afirmativas dos sujeitos, pois os autores acima partem do pressuposto que da experiência autobiográfica é necessariamente afirmativa, sustentados na crença de que a experiência com as autobiografias é um processo formativo.

de professores nos quais percebemos a ocorrência de sujeitos, em variadas situações formativas, se questionando sobre sua vida e contando suas experiências formativas.

Com a intenção de compreender a circulação desta crença, temos caminhado no sentido de apontar contribuições teóricas do intelectual francês **Gabriel Tarde** que foi considerado primeiro autor que conseguiu teorizar a moda para além das aparências frívolas e a ter dado uma dignidade conceitual ao assunto, reconhecendo nela uma lógica social e um tempo social específicos. Na elaboração tardiana de uma teoria da imitação, ele argumenta que todo processo de imitação (*imitação-costume*, *imitação-moda*) tem um núcleo de repetição, mas esta não se realiza sem que os processos de diferenciação estejam intrínsecos às continuidades. Foi esta estrutura que tentamos apreender ao estudar a difusão da ‘crença autobiográfica’ na formação de professores no Brasil e, com isso, pudemos perceber como circula um discurso com forte apelo à defesa das experiências individuais e, ao mesmo tempo, levando a cabo a aceitabilidade irrestrita dos pressupostos do Movimento Pesquisa/Formação, apostando bem mais nos efeitos de unicidade – aceitabilidade incontestável da crença autobiográfica – do que na valorização das diferentes experiências que tanto anuncia. Gabriel Tarde, neste caso, foi de suma importância para que pudéssemos apresentar uma compreensão da circulação de ideias.

Um das contribuições importante para o reconhecimento de Tarde na contemporaneidade foi a de Gilles Deleuze, valorizando uma proposta filosófica que tomasse a diferença como pressuposto. Segundo Magalhães (2001, p. 01) ² “... a tese central de *Diferença e Repetição* é a de que se há repetição, esta não pode ser do mesmo, porque no próprio *acto* de repetir se introduz a diferença”. Esta afirmação fez com que Deleuze introduzisse Tarde como um aliado para a sua intenção de propor um pensamento que teria a pretensão de superar a tradição oriunda da metafísica ocidental assentada na unicidade, assim como as filosofias da representação. Ainda, segundo Magalhães (2001), o pensamento de Deleuze vai de encontro à tradição metafísica que atribuía à diferença um tipo de “estado de maldição” no qual são propugnados ao mesmo tempo a redução da diferença e o advento da representação como base de todo o pensamento. Por isso, as ideias

² MAGALHÃES, Rui. A pluralidade metafísica. *Sobre Gilles Deleuze, Diferença e Repetição*, Relógio d’Água, Lisboa, 2001.

para Deleuze são antes uma variedade, não são representações, são movimentos de diferenciação.

Estes pressupostos apresentados por Deleuze estão, segundo Alliez (2001), na base do pensamento de Gabriel Tarde³. Alliez afirma que, na obra *Diferença e Repetição*, Deleuze atribui uma função de suma importância aos pressupostos de uma filosofia da diferença ao argumento tardiano segundo o qual: “... repetição como o diferenciador/diferente implica, deste modo, uma dupla construção tomada de Tarde: “repetição é, então, o processo pela diferença”(ALLIEZ, 2010) ⁴.

Portanto, neste trabalho além de fazer um esboço dos pressupostos tardianos de teoria das imitações segundo a obra *Les lois de l'imitation*, pretendemos mostrar uma compreensão da circulação das modas educacionais tomando como base um estudo sobre a apropriação das autobiografias nos estudos sobre formação de professores no Brasil.

1 Da imitação-costume à imitação-moda: a lógica social da moda segundo Gabriel Tarde

Um aspecto importante para começar a compreender o pensamento de Tarde é seu posicionamento em relação à estatística e as similitudes e que são tomadas como explicativas, principalmente nas ciências humanas na segunda metade do século XIX. Ao estudar as similitudes, Tarde as entende como coisas semelhantes que são parte de um todo e se repetem umas às outras se multiplicando, ou seja, para ele, as similitudes são seguidas por variações. Como exemplo disso, ele mostra que isto é próprio ao caráter da *repetição universal* e que, do mesmo modo que isto é verdade para as relações sociais, também o são para os corpos físicos e para o mundo vivo.

³ Esta teoria particular do pensamento de Tarde fez com que Alliez (2001) anunciasse Tarde como um precursor de uma filosofia da diferença. Além disso, ele argumenta que para compreender o pensamento de Tarde e a importância atribuída a ele por Gilles Deleuze é necessário situar Tarde fora do debate sobre o nascimento das ciências sociais, principalmente na sua relação com Durkheim. Ver a respeito Mucchielli (2001), Latour (2000) e Vargas (2000)

⁴ “... repetition as the differentiator difference, thereby implying a double construction taken from Tarde: ‘repetition is therefore the process by which difference.

Diante disso, o objetivo dele não é utilizar as similitudes para demonstrar ou explicar uma realidade, ao contrário disso, é antes a preocupação de como a similitude foi possível. Para entender este aspecto, tem-se que levar em conta outro pressuposto. Para Tarde, as similitudes que se repetem é uma dimensão realizada daquilo que é realizável, uma vez que ao real está implícito a imensidade do possível e aquilo que se tornou *repetível* num determinado momento e que nos aparece como similitude e representação do real não passa de formas de repetição que se estabeleceram como real, mas que em muitas vezes não se fizeram como tal. Ele percebe que tanto o mundo físico, o mundo vivo e o mundo social estão envolvidos nessa limitação do realizável se fazer real⁵

Deste modo, a compreensão dele e seus projetos de estudo perseguem pela explicação de como as similitudes se estabeleceram como tal. As semelhanças são explicadas e observáveis porque tem como causa a repetição. De início, a repetição pode ser apreendida como mera reprodução ou produção conservadora da qual decorre um processo de uniformização simples sem nenhuma criação, repetindo outra coisa senão ela mesma. No entanto, para Tarde a repetição não se limita à reprodução e cada repetição é uma multiplicação que se espalha numa nova série animada por uma espécie de ambição imanente e imensa do infinito, em que a inovação se propaga e progride geometricamente: “... As repetições são seguidas pelas variações”. (TARDE, 2001, p.67).⁶

No que diz respeito ao mundo social, a modalidade de repetição destacada por Tarde é o que denomina de imitação, ou, antes desta, a invenção, que, conseqüentemente, torna-se imitação. Para ele, o caráter próprio do ser social é a imitação e o homem é um ser imitador por essência e a vida social é o resultado de radiações imitativas originárias de um ponto singular qualquer, conforme citação:

Todas as similitudes de origem social, que se destacam no mundo social, são frutos direto e indireto da imitação sob todas suas formas, imitação-costume ou imitação moda, imitação-simpatia ou imitação-obediência, imitação-instrução ou

⁵ . : “... Assim, no domínio físico e o domínio vivo, assim como no mundo social o realizado parece ser senão um fragmento do realizável”. (TARDE, 2001, p. 58). « Aussi, dans le domaine physique et le domaine vivant, comme dans le monde sociale, le réalisé semble n’être qu’un fragment de réalisable ».

⁶ ... Les répétitions sont donc pour les variations.

imitação-educação, imitação ingênua ou imitação reflexiva, etc (TARDE, 2001, p.74, tradução nossa).⁷

Diante disso, pode-se questionar, então, qual o significado da imitação para Tarde? O que é essa modalidade de repetição especificamente social? Para ele, a imitação é um correlato sociológico daquilo que é a geração para o mundo vivo e a ondulação para o mundo físico, ou seja, a imitação constitui uma das três formas de repetição do que Tarde denomina de *Formas de Repetição Universal* e são as análises destas formas que permitem, conseqüentemente, as ciências físicas, as ciências biológicas e a ciência social. Assim, para Tarde a imitação é concebida da seguinte forma: “... De uma ação à distância de um espírito sobre o outro, de uma ação à distância que consiste numa reprodução quase fotográfica de um clichê cerebral pela placa sensível de outro cérebro”. (TARDE, 2001, p.46, tradução nossa)⁸.

Tomando a imitação como a forma própria de sociabilidade, ele entende que uma imitação é uma modalidade específica de repetição social que tem como tendência a propagação de acordo com uma progressão geométrica, ou seja, a imitação começa com uma diferença minúscula que é animada por uma ambição de conquista que tende a propagar-se ao infinito.

No entanto, há também neste processo uma tendência conservadora, a tendência à uniformização. Tarde, desenvolve seus estudos sobre as sociedades, tentando apreendê-las segundo a compreensão histórica de acordo com a qual o real está sujeito a uma marcha progressiva e irreversível que vai do “pequeno ao muito numeroso e muito raro” (passim), uma marcha que tende para a redução uniformizante dos fenômenos sociais, que vão desde os diversos costumes locais aos padrões globais, dos pequenos e muito raros conflitos às poucas, porém grandes guerras, dirigindo-se ao alargamento do campo social. Por isso, para

⁷... Toutes les similitudes d'origine sociale, qui si remarquent dans le monde sociale, sont le fruit direct ou indirect de l'imitation sous toutes ses formes, imitation-coutume ou imitation mode, imitations-sympathie ou imitation-obéissance, imitation-instruction ou imitation-education, imitation naïve ou imitation réfléchie, etc.

⁸ « ...celui d'une action à distance d'un esprit sur un autre, et d'une action à distance qui consiste dans une reproduction quase photographique d'un cliché cerebral par la plaque sensible d'un autre cerveau »

ele, a vida social se compõe por radiações imitativas que escapam de um ponto de singularização ou inovação qualquer.

Além disso, é importante não perder de vista que a repetição pela imitação trabalha pela continuidade da diferenciação, ou seja, de cada imitação segue a propagação pela diferenciação em que tudo parte da diferença e para ela se encaminha, numa crescente socialização ou amplificação do campo social ao lado de um processo de crescente individualização.

Neste sentido, é importante aprofundar a especificação do caráter da imitação e questionar, tal como faz Tarde, se a imitação, juntamente com a invenção, é o ato social elementar, qual a substância ou a força social deste ato? O que é inventado ou imitado? Ou seja:

O que é inventado ou imita, o que é imitado sempre é uma ideia ou um valor, um julgamento ou um desígnio, onde se exprime certa dose de crença e de desejo, que é de fato toda a alma das palavras de uma língua, das preces de uma religião, da administração de um Estado, dos artigos de um código, dos deveres de uma moral, dos trabalhos de uma indústria, dos procedimentos de uma arte. (TARDE, 2001, p. 204, tradução nossa)⁹

Assim, a crença e o desejo são a substância e a força que são encontradas no fundo de todas as qualidades sensoriais com as quais elas se combinam e que animam toda a vida social. Outro aspecto importante da imitação, é que as crenças e os desejos são verdadeiras quantidades sociais, ou seja, o fundo da disposição social, que se revestem de diversas formas e sob muitos objetos, são constantes e universais, susceptíveis de crescer ou diminuir, entretanto não pode variar qualitativamente e, por isso, que elas são comunicáveis, transmissíveis, mensuráveis e quantificáveis. Segundo Vargas:

Para Tarde, a crença e o desejo são como uma “corrente homogênea” e contínua que, sob a coloração variável das tintas da afetividade própria a cada espírito, circula idêntica, ora dividida, dispersa, ora concentrada, e que, de uma pessoa a

⁹ ... Ce qui est inventé ou imite, ce qui est imité, C'est toujours une idée ou un vouloir, un jugement ou un dessein, où s'exprime une certaine dose de *croiance* et de *desir*, qui est en effet tout l'âme des mots d'une langue, des prières d'une religion, des administration d'un État, des articles d'un code, des devoirs d'une morale, des travaux d'une industrie, des procédés d'un art.

outra, assim como de uma percepção a outra em cada uma delas, comunica-se sem alteração. (VARGAS, 2000, p.230).

Ainda, Vargas (2000) ressalta, fazendo referências a outros estudos de Tarde, que numa imitação, em que prevalece a circulação dos graus, nos quais se repetem crenças e desejos, não pode ser confundida com sensações, representações e modelos de comportamentos. Quanto à primeira, destaca que as crenças e os desejos são independentes das sensações, uma vez que estas não são quantidades em si mesmas, são, ao contrário, qualidades que se transformam ao circularem pelo campo social, pois a sua transmissão implica na transformação delas mesmas. Quanto à segunda, considera as representações como meros resultantes dos processos repetitivos das crenças e dos desejos e que elas são qualitativamente heterogêneas, assim como têm por suporte identidades constantes das quais somente a quantidade varia e, por isso, se fundamentam nas crenças e nos desejos, repetindo a credulidade e a desabilidade, não tendo quaisquer intensidades em si mesmas. Por fim, do mesmo modo, Vargas destaca que os modelos de comportamentos são tão-somente cruzamento de sensações e representações.

Portanto, as crenças e os desejos são as formas que dão plasticidade e funcionalidade ao social e, para isso, é preciso admitir a dualidade da crença e do desejo, sua reciprocidade, pois ela é, ao mesmo tempo, fonte de inovação e forma de resistência propriamente antropológica.

2 As metamorfoses da crença autobiográfica

Um das formas que tentamos indicar a pertinência dos estudos de Tarde para a compreensão da circulação das ideias foi mediante uma pesquisa realizada sobre circulação da ideia autobiográfica de formação nos estudos influenciados pelo Movimento Pesquisa/Formação, no qual as autobiografias são apresentadas como experiência formativa de (re)significação da vida dos sujeitos.

Neste contexto propomos estudar a ideia autobiográfica para a formação num aspecto que caracteriza esta ideia como um fenômeno de moda, que é o estudo da repetição desta ideia, de sua combinação com os problemas sobre a formação de professores no Brasil, isto é, identificando os sentidos das autobiografias para os estudos sobre os

docentes. Neste momento, nos interessou localizar um espaço de disseminação específico para verificar as ocorrências de repetição e diferenciação desta crença e, para tanto, escolhemos uma atividade organizada no Brasil para difundir os Pressupostos do Movimento Pesquisa/Formação, que foram os Congressos Internacionais de Pesquisa Autobiográfica realizados no Brasil em 2004, 2006 e 2008, respectivamente.

Tal como vimos na seção anterior, Tarde defende o pressuposto de que repetição é diferente de similitude e aquilo que é repetido e realizado não é senão um fragmento do realizável e, diferentemente de pensar a repetição como similitude, ele entende a repetição como uma imitação, que é uma multiplicação, na qual há processos de continuidade, mas também de diferenciação. Para este autor, os fenômenos de imitação partem da diferenciação e seguem para a diferenciação embora processos de uniformização estejam no intermédio do inacabado processo de continuidade e diferenciação.

Um aspecto importante para a compreensão da ideia como uma moda, segundo orientações do pensamento de Tarde, é a definição do que ele considera como aspecto da imitação. Para ele, o que é imitado são crenças e desejos. Numa ideia, como em nosso exemplo, as crenças são pressuposições e os desejos são interpretados como intencionalidades destas ideias. Quando o autor nos coloca frente a esta definição, nos põe diante do entendimento de que a análise de uma ideia disseminada como uma moda é a análise dos pressupostos e das intencionalidades inscritas nela.

Ao estudar as formas de apropriação das autobiografias como experiência de formação pelo Movimento Pesquisa/Formação, percebemos que os autores tomam as narrativas de vida como referência para sua formação, ou seja, o professor deve *acreditar* (crença) na narrativa que consegue contar sobre si mesmo e esta serve como base para a *intenção* (desabilidade) que se quer alcançar mediante as narrativas, que é a afirmação de si, compreendida aqui como processos parciais de formação do sujeito. Assim, tenho que acreditar em minha autobiografia para que ela seja minha intenção formativa.

Deste modo, a análise de um modismo passa pela análise das formas de repetição-diferenciação da ideia autobiográfica para a formação, mas também pela explicação de sua difusão. Eis aqui o aspecto mais característico da contribuição de Tarde, pois dentre as teorias sobre as modas nas ciências humanas, muitas delas se preocupam com o aspecto

inclusivo ou exclusivo dos sujeitos no acesso aos objetos em moda, mas é ausente nestas uma compreensão das motivações pelas quais as ideias se difundem.

Deste modo, levando em consideração o argumento deste autor, nos dedicamos a compreender as formas de apropriação da “crença autobiográfica” por estudos e pesquisas realizadas no campo da formação de professores. Em nossa análise pudemos perceber a circulação desta mesma crença em diferentes conjuntos de interesses em pesquisas sobre formação, ou seja, o uso das autobiografias se faz em variadas situações de estudos nas quais encontramos em comum a invariável questão sobre a construção de si.

Num levantamento que realizamos sobre os usos das autobiografias em pesquisas educacionais no Brasil visualizamos pelo menos três formas de significação das autobiografias. Como método as autobiografias aparecem com a finalidade de dar voz aos sujeitos oriundos dos espaços escolares, no bojo de reivindicações da introdução das subjetividades nas pesquisas oriundo das discussões epistemológicas próprias às ciências humanas, principalmente nos estudos antropológicos e sociológicos.

Na segunda forma a autobiografia não é apenas um método diferenciado, mas também se constitui num lugar de afirmação identitária, quando estas abordagens conseguem dar visibilidade a problemas emergentes no campo da educação e da formação no Brasil. Por isso, veem-se estudos que usam as abordagens autobiográficas para que se possam tornar visíveis e dizíveis problemas como a feminização do magistério, aqueles relacionados às condições de ensino e aprendizagem nas escolas no Brasil, os da afrodescendência, da institucionalização do ensino superior, do acesso à leitura e à formação do professor etc. Isto é, a apropriação das autobiografias esteve associada à emergência de problemas próprios do campo da educação e da formação de professores no Brasil e estas foram úteis ao campo porque um conjunto de problemas estruturadores da educação no Brasil precisava ser posto ao campo da educação e da formação de professores.

Nesta segunda forma, alguns pressupostos do Movimento Pesquisa/Formação começam a ser anunciados, principalmente pela tradução de alguns autores envolvidos com o movimento. Um pressuposto que aparece de forma mais efetiva é a valorização da “voz

do docente”. A valorização da voz do docente contra discursos que se impõe a ele é uma reação bastante reivindicada no campo da educação, principalmente pela forma como alguns discursos têm sido legitimados no Brasil, ou seja, instituindo uma ruptura entre pesquisadores e professores, valorizando o discurso daqueles em detrimento destes.

Além disso, esta forma de anúncio dos pressupostos do Movimento Pesquisa/Formação no Brasil é verificada tanto nos argumentos dos autores, quanto pela necessidade deles se expressarem no próprio texto que constroem: é muito comum nos textos introdutórios de alguns trabalhos analisados a redação dos textos em primeira pessoa.

Se estes aspectos se tornam visíveis, vale dizer que eles são consubstanciados por problemas emergentes no campo da educação que pretendem estudar. Nestes casos, a manifestação da individualidade do professor não se distancia da sua inserção como pertencente a um grupo social e situado num determinado campo. Por isso, os autores se colocam no texto e anunciam a vida dos sujeitos levando em consideração sua memória e seus processos identitários, mas, ao mesmo tempo, como estes estão vinculados à memória coletiva. Basta verificar, por exemplo, como os autores brasileiros reafirmam seus posicionamentos com autores que corroboram com esta leitura da memória, tais como Halbwachs, Pollak, Thompsom e outros.

Assim, aderem à nova discursividade de valorização do indivíduo, mas têm o receio em se posicionar favorável à ideia de (re)significação de si independente das significações sociais partilhadas entre os sujeitos numa coletividade, neste caso, isto significaria um afastamento dos problemas que tomam parte do campo da formação de professores Brasil e que constituem a história social da problemática do campo e do contexto da educação brasileira.

Com este aspecto, verifica-se que a recepção deste pressuposto passa pela sua retirada de outros contextos locais e históricos e sua introdução, no campo da formação de professores no Brasil, exigindo a combinação deste com os problemas emergentes, pois a voz do docente assim como sua vida entrelaça-se com as questões inerentes a eles.

Por outro lado, o distanciamento dos problemas do campo da formação no Brasil é percebido em trabalhos¹⁰ nos quais o ponto de partida não é um problema da formação que se quer anunciar ou quem sabe afirmar a identidade de um determinado grupo, vinculados a interesses socio e ou político-educacionais. Ao contrário disso, estes estudos tomam como ponto de partida a valorização heurística do conhecimento, ou seja, partem da confluência entre os saberes para anunciar as autobiografias e ou histórias de vida como experiência de formação. São nestes que se veem um contexto favorável à circulação da crença autobiográfica, mas também a fundamentação de suas pesquisas segundo os autores vinculados ao Movimento Pesquisa/Formação.

Nesta percepção, os autores legitimam a crença na experiência formativa das autobiografias, aderindo à valorização heurística como ponto de partida, mas também a ênfase na narrativa dos sujeitos, na afirmação de si e da auto/resolução mútua entre estes sujeitos, assim como ao acreditar que os processos parciais de afirmação dos sujeitos os conduzem a experiências positivas na constituição de suas identidades.

Nestes trabalhos os problemas emergentes do campo da formação só aparecem como consequência das mediações individuais dos sujeitos e não como significações pessoais de uma socialização estabelecida. Com isso, percebemos, por exemplo, o abandono da noção de memória como afirmação de grupos identitários e esta noção já não encontra o respaldo teórico anteriormente constituído no campo, pois o centro da problematização deixa de ser a memória para se colocar no lugar dela a interpelação do indivíduo sobre si. Nesta percepção a valorização de si, das narrativas, da (re)significação de si pela linguagem tomam o centro das preocupações das pesquisas, levando a cabo a crença da afirmação de si pelas autobiografias, ou seja, a noção de memória que figura neste discurso é restrita à valorização da individualidade e serve à afirmação dos sujeitos segundo os discursos que eles constroem sobre si.

Por exemplo, em pesquisas socializadas nos Congressos Internacionais de Pesquisas Autobiográficas, visualizamos alguns estudos nos quais a crença autobiográfica vai se metamorfoseando em formas cada vez mais diferenciadas de expressão. Num estudo

¹⁰ Ver anais nos Congressos Internacionais de Pesquisa Autobiográficas, especificamente no ano de 2008.

sobre educação matemática o professor começa a questionar as razões pelas quais se tornou professor de matemática, quais as relações históricas ele estabeleceu com a disciplina como aluno e se isso de certo modo altera a sua atuação como docente. Do mesmo modo, encontramos esta incursão em pesquisas sobre professores de outros conhecimentos em domínios específicos das didáticas, em reflexões sobre temáticas pedagógicas, tal como a questão de problematizar as experiências de estágios de alunos mediante a história de suas vidas; encontramos ainda pesquisas que tentam aproximar diferentes áreas de conhecimento pelas autobiografias, isto é, pesquisas envolvendo áreas como as dos campos da saúde e da educação, por exemplo; e ainda pesquisas autobiográficas que apresentam a trajetória formativa de sujeitos em campos nos quais a problematização sobre os percursos da vida é quase inexistente, levando em consideração um histórico da produção deste campo. Por exemplo, encontramos estudos socializados em eventos sobre pesquisas autobiográficas em que bibliotecários apresentavam questionamentos sobre a “construção de si” e a experiência formativa na sua trajetória como bibliotecário.

Deste modo, o que aproxima estas pesquisas é a circulação da “crença autobiográfica”, ou seja, este é um elemento comum, que se repete entre os vários estudos apreciados. Temos percebido que invariavelmente a crença autobiográfica é aceita como núcleo de questionamentos que permitem os sujeitos questionarem suas vidas em variados domínios de estudos e pesquisas e apostarem, ao mesmo tempo, na crença de que há sempre um resultado afirmativo deste processo. Assim, percebemos, também, que a circulação das ideias se faz pelo anúncio autojustificado dos pressupostos do Movimento Pesquisa/Formação, isto é, o uso desta abordagem encontra em sua potencialidade significativa as razões de sua apropriação, deixando de lado as especificidades dos domínios das pesquisas e dos estudos em que são introduzidos.

O conflito gerado pela circulação destas percepções distintas é interpretado, no horizonte do trabalho de Tarde (2001), quando ele afirma que a adesão a uma imitação ocorre quer seja através de uma substituição, envolvendo um “duelo lógico” (*le duel logique*) e a luta entre as duas alternativas, quer seja através de “acumulação” (*L'accouplement logique*), que é um processo ligado a uma união lógica de imitações, nas quais se verifica a acumulação das invenções.

No estudo sobre a circulação das autobiografias, as imitações se alternaram num duelo entre as autobiografias como expressão das significações sociais identitárias e ou como ressignificação de si, e frente a este duelo estavam os autores tentando se apropriar de uma nova perspectiva para estudar a formação entendendo que o indivíduo (professor) compõe um cenário coletivo marcado pela memória de seu grupo ou se ele depende exclusivamente da crença em sua narrativa como processo de reapropriação de si. Além disso, vale notar a presença de propostas em que as duas perspectivas são ensejadas conjuntamente, como exemplos de unificação. Mesmo assim, vale a observação de que, segundo Tarde, o processo de diferenciação não cessa e a diferenciação segue depois da acumulação.

Além disso, Tarde (2001) também introduz o que denomina de influências extra-lógicas da imitação que caracteriza especificamente a *imitação-moda*. De início, o estudo que realizamos sobre a circulação da crença autobiográfica indicou uma consideração importante sobre a circulação das ideias em moda, ou seja, estes ratificaram nosso posicionamento de que os modismos é um processo que é iniciado pela ação intelectual de negociar relações de autoridade e este se estabelece de cima para baixo, tal como Tarde (2001) nos mostrou, ao apontar que as imitações descem necessariamente do superior ao inferior, ou seja, de início uma imitação se estabelece entre aqueles considerados superiores numa hierarquia e só depois ela mutualiza. Em nosso caso, a ideia é apropriada entre os reconhecidos intelectuais, ganha legitimação entre os mesmos e depois ela é recepcionada entre os não iniciados.

Em segundo lugar, a difusão de uma imitação como uma moda que é a ruptura com a tradição, interpretada em nossos estudos quando os autores se afastam da forma como os estudos vêm sendo realizados no campo da formação e são levados pela significação da novidade fornecida pelo Movimento Pesquisa/Formação começam a direcionar seus estudos segundo as orientações destas perspectivas.

Segundo Tarde (2001) a superioridade pela qual um exemplo é preferido diante de outros, trata-se da relação dos sujeitos com as influências que se originam em seus antepassados ou naqueles que lhes são contemporâneos e isto justifica a formulação do autor da passagem do costume à moda, ou seja, do “... *tout antique, tout bon*” ao “... *tout nouveau, tout beau*”, o que pressupõe, além disso, uma mudança na forma como a imitação

se impõe aos sujeitos, no primeiro caso (imitação-costume) pela autoridade dos antepassados aos iniciados e, no segundo, (imitação-moda), por persuasão: “... *Verdadeiramente, é simplesmente e após a aceitabilidade cega das afirmações tradicionais que se impõem pela autoridade que a acolhida das ideias estrangeiras se impõem pela persuasão.*” (TARDE, 2001, p.302) ¹¹

Além desta ruptura com seus antepassados, os sujeitos, submetidos à imitação-moda, rompem, também, com as influências de sua localidade e o efeito de moda no processo de imitação é uma junção das influências sobre os sujeitos que se fazem pela suposta superioridade do estrangeiro e do tempo presente sobre o tempo passado, como diz Tarde:

... Quando o passado da família ou a cidade não é mais julgado venerável, pela forte razão de que todo o outro passado cessou de existir e o presente apenas parece dever inspirar o respeito, mas, ao contrário, por mais distante que esteja pais ou compatriotas se julgam iguais, o estrangeiro apenas, em geral, parece dever produzir a impressão respeitosa que dispõe a imitar. À época onde pressente o costume é mais influenciada pelo seu país que pelo seu costume, porque ventila, sobretudo, o tempo passado. As idades onde a moda domina é mais fiel do seu tempo do que de seu país. (TARDE, 2001, p. 304, tradução nossa) ¹²

Para ele, este cominho que segue da *imitação-costume* à *imitação-moda* é uma alternância necessária e universal, pois o mesmo chega a definir que em diferentes épocas ou sociedades, as imitações variam entre os modelos oriundos da tradição e os modelos atuais, do estrangeiro. Ele explica que a *imitação-moda* não confirma nem contradiz uma ideia já estabelecida pela tradição, mas o contato com o estrangeiro tem sido suficiente para certa curiosidade. Diante disso, afirma que as sociedades tradicionais, predominantemente rurais, recebem influências porque nos povos primitivos rurais permanece a imagem forte de sua infância, ainda sob a determinação paternal, enquanto aos adultos da vida urbana lhes é permitido se modelar em acordo com tipos exteriores, abalando o equilíbrio costumeiro e restabelecendo como costume aquilo que se tornou moda: “... *Mas este*

¹¹ “... À vrai dire, c’est simplement, après l’acceptation aveugle des affirmations traditionnelles qui s’imposaient par autorité, l’accueil fait aux idées étrangères que s’imposent par persuasion”

¹² ... Quand le passé de la famille ou de la cité n’est plus jugé vénérable, à plus forte raison tout autre passé a-t-il cessé de l’être ; et le présent seul semble devoir inspirer le respect ; mais, à l’inverse, dès lors qu’il suffit d’être parents ou compatriotes pour se juger égaux, l’étranger seul, em général, semble devoir produire l’impression respectueuse qui dispose à imiter. – Aux époque où prévaut la coutume, on est plus infatué de son pays que de son temps, car on vante surtout le temps jadis. Aux âges où la mode domine, on est plus fier, au contraire, de son temps que de son pays.

retorno final do espírito da moda ao espírito do costume não é de forma alguma um retorno“.¹³

Por conseguinte, a vida social, neste sentido, é um processo universal no qual há a alternância, inicialmente, da imitação-costume – imitação dos modelos antigos e autóctones - e, depois, à imitação-moda, caracterizada pela invasão das novidades estrangeiras que abalam o equilíbrio do costume e por uma temporalidade legítima, o *presente social*; para, em seguida, voltar a ser costume, variando do superior ao inferior.

Considerações finais

A primeira consideração de nosso trabalho visa apontar contribuições teóricas que deem conta de realizar uma interpretação dos modismos educacionais e, para isso, tentamos apreender o fenômeno da moda de ideias como um processo de apropriação e difusão das ideias que reflete o peso da conformidade e da diferenciação, ou seja, de unicidades, seguidas necessariamente pelas diferenciações.

Em segundo lugar, queremos continuar mostrando que a disseminação de ideias pode propiciar efeitos de unicidade num campo científico, mas que estes são margeados pelo amplo universo da diferença e da pluralidade. No estudo sobre a circulação das abordagens autobiográficas na formação de professores no Brasil, apontamos que estas abordagens circularam pelo campo da formação, marcadas pelo sentido introduzido pelo Movimento Pesquisa/Formação, cujo núcleo de consolidação desta proposta estava na difusão do que denominamos de “crença autobiográfica”, levando em consideração que as narrativas de vida encontradas no seio deste Movimento eram sempre tomadas como valorizações positivas, ou seja, contar sua história a si mesmo era sempre um processo de afirmação de si, considerado formativo.

Visualizamos em nosso trabalho que a aceitabilidade desta concepção em domínios específicos no campo da formação se tornou o meio pelo qual os autores começavam a negociar a sua entrada neste Movimento, pois bastava que os pesquisadores introduzissem questionamentos sobre a sua vida, envolvendo os mais diversos problemas

¹³... Mais ce retour final de l'esprit de mode à l'esprit de coutume n'est nullement une rétrogradation”.(Idem, p. 306).

de pesquisa e universos teóricos, para fazer com que sua pesquisa adquirisse a condição de uma “pesquisa autobiográfica”, ainda que as trajetórias de estudos neste domínio específico do campo da formação e dos próprios autores tivessem pouca ou quase nenhuma relação com as questões históricas ou autobiográficas.

Conseguimos notar, ainda, que os Encontros Internacionais de Pesquisa Autobiográfica foi o espaço de negociação da entrada de muitos autores nos estudos autobiográficos e, para isso, adotaram o núcleo de questionamentos da “crença autobiográfica” como linguagem necessária para se ter acesso ao evento ou até para figurar com posição de destaque na estrutura do evento.

Deste modo, percebemos as autobiografias circulando pelo campo da formação, cuja pretensão foi quanto à afirmação desta perspectiva como uma metodologia adequada a variados domínios de estudos (efeitos de unicidade) frente à diversificação pelas quais a ‘crença ‘autobiográfica’ vai se metamorfoseando e encontrando combinações com objetos e estudos nos domínios da formação, retornando necessariamente à própria diversificação do uso das autobiografias, ou seja, parafraseando Tarde (2001), a imitação engajada nas correntes da moda é bem mais fraca diante daquela vinculada ao costume, aliás, a moda não passa de uma fraca torrente ao lado do grande rio do costume, mas, tão fraca que seja, esta torrente, seus períodos de cheias e ressacas, precisam ser estudados.

Referências bibliográficas

ALLIEZ, Eric. *Différence et répétition de Gabriel Tarde*. Multitudes – Mineure: Tarde intempestif, 7, dez., Paris, 2001.

_____. *Diferent and repetition of Gabriel Tarde*. <http://www.gold.ac.uk/media/alliez.pdf>. 14/01/2010.

BUENO, Belmira Oliveira. *Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003)*. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 385-410, maio/ago. 2006.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, PUC-RS, Rio Grande do Sul, 2004. (Anais)

CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA – Tempos, Narrativas e ficções: a invenção de si. EDUNEB, Salvador, 2006. (Anais)

CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA – Autobiografia: formação, territórios e saberes. São Paulo, Paulus, EDUFRRN, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto*. Educ. Pesqui.. 2006, vol. 32, no. 2 , pp. 359-371.

DOMINICE, Pierre. *A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico*. Educ. Pesqui. 2006, vol. 32, no. 2, pp. 345-357.

JOSSO, Marie-Cristine. *As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras*. Educ. Pesqui. 2006, vol. 32, no. 2, pp. 373-383.

LATOUR, Bruno. *Gabriel Tarde and the End of the Social*. In: Patrick Joyce (edited by), *The Social in Question. New Bearings in History and the Social Sciences*, London: Routledge, pp.117-132. 2001.

MAGALHÃES, Rui. *A pluralidade metafísica. Sobre Gilles Deleuze, Diferença e Repetição*, Relógio d'Água, Lisboa, 2001.

MUCCHIELLI, Laurent. *Tardomania ? Réflexions sur les usages contemporains de Tarde*. Revue d'Histoire des Sciences Humaines, 2000, 3, 161-184.

PINEAU, Gaston. *As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial*. Educ. Pesqui.2006, vol. 32, no. 2, 329-343.

TARDE, Gabriel. *Les lois de l'imitation*. Deuxième Série, Volume – I, Les Empêcheurs de penser round, Editions du Seuil, 2001.

VARGAS, Eduardo Viana. *Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais*. Contra Capa Livraria, 2000.